

500 ANOS

Tribo de São Sebastião vive 'boom' populacional

Robson Fernandes/AE

Taxa supera média de expansão do resto do País e mesmo de outros índios

MARTA AVANCINI

Acada ano, nascem de 13 a 14 bebês na área indígena do Ribeirão Silveira, em São Sebastião, litoral paulista, o que está garantindo à comunidade, há sete anos, um crescimento anual de 7,5%. Essa taxa está acima da média nacional e mesmo da verificada entre os índios, cuja população está aumentando entre 3% e 3,5% no País, segundo estimativa do Instituto Socioambiental, uma organização não-governamental (ONG).

"Estamos crescendo bastante; as crianças já são maioria", diz Mauro Karai, presidente da Associação Indígena Guarani Tjru Mirim, que representa os moradores da aldeia. O crescimento resulta de uma combinação de dois fatores: uma relativa estabilidade, garantida pela demarcação da aldeia em 1987, e a estrutura de atendimento de saúde.

Sempre que necessário, os 260 habitantes da reserva podem utilizar os serviços de uma médica, de um enfermeiro e de um dentista. Todas as crianças da aldeia estão com a carteira de vacinação em dia. As grávidas fazem pré-natal e, depois de mães, recebem auxílio-maternidade. Esses são alguns resultados das parcerias entre os índios e as prefeituras dos municípios de São Sebastião e Bertioiga, bem como com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e diversas ONGs - fórmula encontrada por eles para melhorar a condição de vida.

História - Essa infra-estrutura de saúde está sendo montada há quase sete anos e garantiu, no período, a eliminação da mortalidade infantil. "Isso é bom porque assim meu povo continuará a existir", diz Karai.

Mas, se, por um lado, como ele detectou, o elevado número de nascimentos é positivo, por outro implica em dificuldades. "O crescimento populacional só não se tornou explosivo por causa de uma característica dos gua-

ranis: eles costumam migrar de uma aldeia para outra dentro do território deles", afirma Márcio José Alvim do Nascimento, chefe do posto indigenista da Fundação Nacional do Índio (Funai), responsável pela aldeia. "Se não fosse assim, teríamos de garantir a subsistência de quase mil pessoas."

O chamado território guarani consiste em uma extensa faixa que vai do litoral do Espírito Santo ao Paraguai e entra pelo interior do País. Só no litoral paulista, os guaranis são 1.850, distribuídos em 14 aldeias. A área de Ribeirão Silveira espalha-se por 948 hectares às margens da Rodovia Rio-Santos, em plena mata atlântica.

Alternativas - Para sobreviver, os habitantes da reserva de Ribeirão Silveira dependem, essencialmente, do que colhem na roça - mandioca, batata e banana -, da venda de artesanato e de doações. A caça e a pesca são praticadas ocasionalmente, mas não garantem alimento suficiente. Por isso, os projetos em parcerias com o governo e organizações da sociedade civil já começam a ser introduzidos e permitem a subsistência de algumas famílias.

É o caso de Vando dos Santos, responsável pelo viveiro de plantas, onde são cultivados palmeiros e plantas ornamentais. "Ainda não dá para vender o palmito porque faz pouco tempo que aprendi a fazer as mudas pegarem. Mas acho que logo vamos conseguir", diz Vando. Ele conta que o cultivo de palmito, além de ser uma fonte de renda, pode permitir a reposição do que é extraído da mata atlântica - pelo menos em parte. A intenção, segundo Nascimento, é que projetos como esse se transformem em opções de sobrevivência.

No entanto, a comunidade de Ribeirão Silveira, relativamente bem organizada, é apenas um caso dentro da nação. "Os guaranis são multifacetados e vivem realidades muito diferentes. Algumas aldeias estão com a terra demarcada, mas outras nem isso conseguiram", diz Maria Inês Ladeira, antropóloga e pesquisadora do CTI (Centro de Trabalho Indigenista).

CRIANÇAS JÁ SÃO MAIORIA NA ALDEIA



Juliana da Silva e seu filhote de tucano: infra-estrutura garantiu eliminação da mortalidade infantil

Robson Fernandes/AE

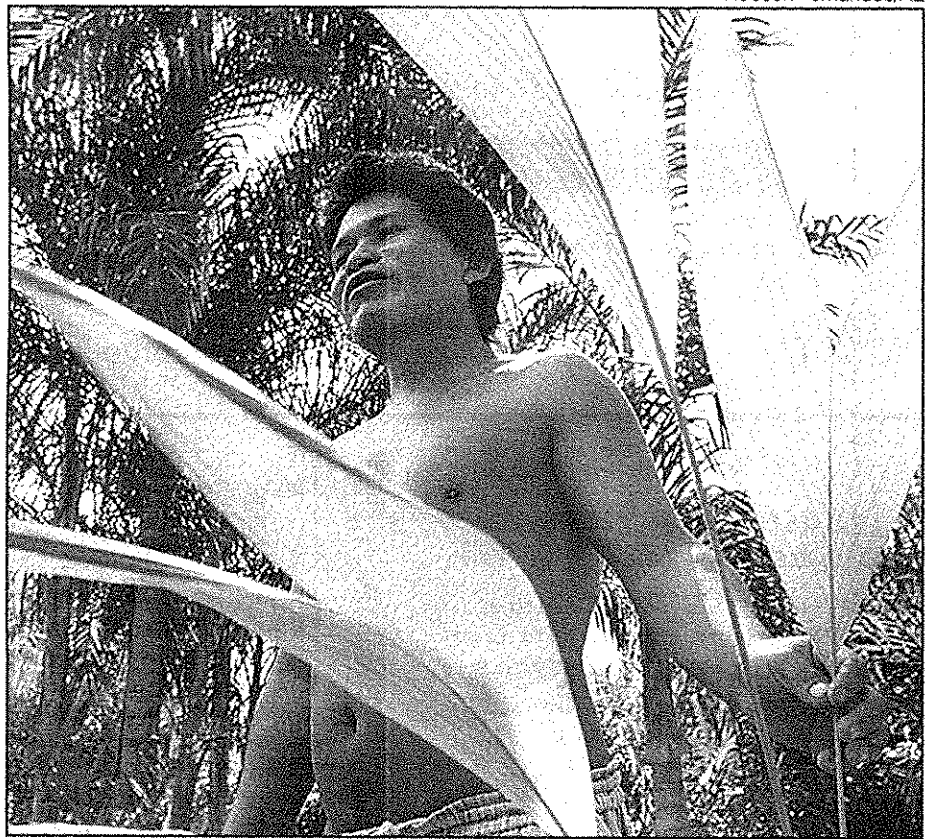
Líder quer atrair adeptos do ecoturismo

Projeto tem objetivo de criar infra-estrutura turística em aldeia de Boracéia

Mariano Kuaroy-Mirê, vice-cacique da aldeia Rio Silveira, em Boracéia, no litoral paulista, tem um projeto que pretende transformar em realidade num futuro próximo: aproveitando o fato de que a reserva está dentro do Parque Nacional da Mata Atlântica, ele quer criar uma estrutura turística no local para atrair, sobretudo, os adeptos do ecoturismo.

Sua idéia é abrir uma trilha específica para praticantes de trekking. O projeto inclui ainda a criação de um museu, onde serão expostos objetos e peças de artesanato feitos pelos índios, além de painéis com a história dos guaranis. "As crianças podem ficar na casa, fazendo bichos de madeira e outras peças de artesanato para serem vendidas. Também podemos fazer apresentações de música no local. Da casa vamos construir uma trilha até a cachoeira da Silveira (localizada dentro da reserva) para caminhadas", conta Mariano, ao explicar os objetivos da iniciativa - angariar recursos para o grupo e divulgar sua cultura.

Renovação - O projeto do museu e da trilha insere-se dentro de uma mentalidade que começa a ganhar espaço na comuni-



Vando dos Santos na aldeia de Boracéia: guaranis querem atrair visitantes



Teresinha da Silva, de 69 anos, vende produtos artesanais na Rio-Santos

Robson Fernandes/AE

dade, baseada em três pontos: a exploração racional e consciente dos recursos naturais da reserva, a preocupação em manter viva a cultura guarani e o espaço conquistado pelos jovens na liderança.

O cacique, Adolfo Silva, tem 30 anos; o presidente da associação, Mauro Karai, 24, e Fernando, 25. Há quatro anos, os três cuidam da administração.

Mais que a idade é a experiência de vida desses líderes - marcada por um contato mais intenso com a cultura dos brancos do que o que ocorria com os antigos líderes - que está introduzindo na comunidade novos hábitos e visões de mundo. "Os

guaranis casam-se muito cedo, mas estamos orientando os jovens a estudarem e se casarem mais tarde, após os 20 anos", diz Mauro, o presidente da associação, que tem ensino fundamental completo. Mariano chegou a fazer faculdade de enfermagem por um ano e meio em São Paulo, mas desistiu e voltou à aldeia "para ensinar o que aprendeu às crianças".

Mas, diversamente do que se poderia imaginar, o trânsito entre as duas culturas não os afasta das raízes guaranis. "As decisões são tomadas em conjunto com a comunidade, respeitando a tradição", diz Mariano. Além disso, o trânsito os habilita a lutar pelo que consideram seus direitos. "Queremos ampliar a área demarcada porque a população está crescendo, e logo o espaço não será suficiente para todas as famílias." (M.A.)

Comunidade ainda preserva sua cultura

Religião é fator importante dentro da tradição guarani

O aumento da natalidade e a ascensão das líderes jovens na aldeia Ribeirão Silveira não afastaram a comunidade da cultura guarani. Todas as noites, os moradores da aldeia reúnem-se na "casa de reza", onde participam de uma cerimônia. "Agradecemos pelo dia que vivemos, as crianças cantam e tocam as músicas tradicionais", conta o vice-cacique Mariano, ao descrever a cerimônia.

"A religião é um fator importante dentro da tradição

guarani. Eles podem receber assistência educacional e de saúde, mas mantêm a cultura deles", diz o chefe do posto indigenista local, Márcio José Alvim do Nascimento.

Além da religião, a língua e o artesanato são fatores importantes para a coesão social e cultural da aldeia. Embora compreendam o português, só se comunicam em guarani.

Crianças - Para manter os costumes vivos, os líderes desenvolvem um trabalho específico com as crianças. Todos os dias, os líderes Mariano e Mauro reúnem cerca de

Crianças vão à escola na própria aldeia

Professora tenta adaptar o ensino à situação dos seus alunos

Há três anos, as crianças da área indígena Ribeirão Silveira não precisam mais se deslocar a Bertioiga para estudar, pois contam com uma escola dentro da própria aldeia. São 76 alunos de educação infantil e da 1.ª a 4.ª série do ensino fundamental, mantidos pela prefeitura de Bertioiga.

"Procuo adaptar o que ensino à realidade deles", diz a professora Elaine Paíão. Para isso, ela e as outras professoras evitam o livro didático e utilizam materiais alternativos, como poesias e músicas. "É tão importante alfabetizá-los em português quanto estimular a autoestima deles e ensiná-los a preservar o meio ambiente", diz.

Como não são fluentes em guarani - língua falada pelas crianças -, as professoras contam com um monitor, que traduz o conteúdo das aulas. O objetivo é, com o tempo, formar professores que vivem na aldeia para assumir as classes. "Esperamos que alguns dos jovens que estão mais adiantados queiram fazer magistério", diz Nacima Mahamud, secretária da Educação de Bertioiga. Além das crianças matriculadas na escola da aldeia, há jovens guaranis nas escolas convencionais do município, que cursam da 5.ª a 8.ª série.

A falta de professores guaranis impede, segundo Elaine, que as crianças sejam alfabetizadas nas duas línguas - guarani e português. Apesar disso, ela considera os resultados muito positivos. "A evasão é zero e eles nunca faltam".

As lideranças da aldeia, por sua vez, aprovam a existência da escola na comunidade, embora não restrinjam a formação das crianças à educação nos moldes dos brancos. "É importante que elas aprendam o português", avalia o presidente da associação Tjru Mirim, Mauro Karai. (M.A.)

GUARANI É O PRIMEIRO IDIOMA

Robson Fernandes/AE

40 crianças e jovens para contar histórias antigas, ensiná-las a fazer artesanato, caçar e plantar na roça. "Ao mesmo tempo, tentamos ensinar a elas que é importante preservar o meio ambiente porque dependemos dele", conta Mariano. Além de um meio de sobrevivência, saber fazer cestos, arcos e flechas e colares é visto pelos índios como um meio para manter a tradição. "Faço arcos e flechas desde criança e queria que meus filhos aprendessem também", diz Mário Samuel dos Santos, um dos artesãos da aldeia. (M.A.)